

VOCÊ CONFIA
EM SEU MARIDO...
ENTÃO POR QUE ESTÁ
COM TANTO MEDO?

Vencedor
do
Daily Mail
Bestseller
Competition

RIO VERMELHO

AMY LLOYD

AMY LLOYD

RIO
VERMELHO

Tradução: Carlos Szlak

 **FARO**
EDITORIAL

COPYRIGHT © AMY LLOYD, 2018

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018

First published as Red River by Century, an imprint of Cornerstone. Cornerstone is part of the Penguin Random House group of companies.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Imagem de capa **ARCANGEL IMAGES**

Imagem de quarta capa **COLIN THOMAS**

Diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lloyd, Amy

Rio Vermelho / Amy Lloyd ; tradução Carlos Szlak.
— 1ª ed. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2018.

Título original: The innocent wife.

ISBN 978-85-9581-014-3

1. Ficção de suspense 2. Ficção inglesa I. Título.

17-11789

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



1ª edição brasileira: 2018

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br

Prólogo

O CORPO DA MENINA FOI ENCONTRADO 76 HORAS DEPOIS

da comunicação de seu desaparecimento. As pontas dos dedos tinham sido removidas com um alicate de desencapar e cortar fios — uma tentativa deliberada de ocultar a prova do DNA, uma vez que fragmentos da pele do agressor teriam ficado sob as unhas da vítima, que o teria arranhado. O cadáver foi mudado de lugar pouco depois da morte. O local original do crime era seguro o suficiente para um ataque prolongado e violento, seguido pela mutilação. Holly Michaels foi jogada nas águas escuras de um córrego pantanoso, na região mais ao norte de Red River, na Flórida, a 15 quilômetros de sua casa.

Nas fotos da cena do crime, Holly aparecia deitada de bruços. Isso tornou a tarefa mais suportável para Sam ao examiná-las pela primeira vez, sozinha, na sala de estar pouco iluminada de sua casa geminada, em Bristol, Inglaterra. De início, as fotos pareceram indecentes, não tanto por causa do sangue coagulado e emaranhado no cabelo loiro e fino, mas sim pela visão de Holly nua da cintura para baixo. Sam quis poder cobrir a menina para proteger sua dignidade.

Ao longo do tempo, Sam parou de evitar a visão de Holly. Quanto mais navegava pelos fóruns de discussão da internet e via as fotos repetidas vezes, menos tornava-se uma questão de corpo, pele pálida e cerosa e manchas escuras de sangue, e mais uma questão dos detalhes ao redor de Holly. Agora, Sam semicerrava os olhos e focava as beiras da imagem, no pedaço do terreno circundado com uma linha vermelha. Tinha uma

pegada ali. No entanto, como os membros do fórum afirmaram, não havia moldes das pegadas fotografados ou mencionados nos arquivos do caso. As perguntas começaram: essa pegada foi omitida intencionalmente durante a investigação? Foi ignorada? Ou estamos considerando como prova a pegada de algum policial desastrado de Red River, que interferiu na cena do crime? As discussões iam até tarde da noite. Sam não sabia em que acreditar, a não ser nisso: o que quer que tivesse acontecido, deixou o *verdadeiro* assassino livre.

A obsessão de Sam começou 18 anos após o primeiro documentário.

— Sério, sei que não é o tipo de coisa que você curte, mas você vai adorar, é incrível, vai deixá-la muito furiosa — Mark, seu namorado, garantiu, com o rosto iluminado pelo brilho do monitor.

Sam estava sentada ao lado de Mark na cama, na casa que ele ainda dividia com os pais. À medida que a história se desenrolava na tela, todo o resto começou a desaparecer. No centro disso, o garoto, muito jovem para o terno que usava no tribunal, com os olhos azuis piscando, confusos, para a câmera, sozinho e amedrontado. Para Sam, doía observá-lo, belo, com uma expressão serena, mas triste, num espaço ameaçador, de iluminação intensa e extremidades severas: Dennis Danson, com apenas 18 anos, sozinho no corredor da morte.

Após o término do filme, Sam queria mais, queria respostas.

— Eu te disse — Mark afirmou. — Falei que você ia ficar furiosa.

Logo, Dennis passou a ocupar os devaneios de Sam e a persistir nas margens de seus sonhos, sempre longe demais para abordar ou segurar, com os dedos dele escapando dos dela.

Então, Sam ingressou nos grupos on-line. Os participantes eram entusiastas dedicadíssimos, que examinavam fotografias, depoimentos de testemunhas, transcrições dos tribunais, laudos de médicos-legistas e álibis. Discutiam detalhes minuciosos até Sam se sentir exausta, mas incapaz de parar, procurando pela verdade que poderia reparar todos os erros que levaram até aquele ponto.

Havia subgrupos que defendiam apaixonadamente suas teorias. Suspeitavam do padrasto de Holly ou dos agressores sexuais que viviam no estacionamento de trailers nos arredores da cidade. Faziam comparações com outros assassinatos não solucionados nos Estados Unidos, o que

invocava imagens de um mal temporário, um caminhoneiro alimentado por fantasias sombrias, um homem que agia à noite e matava sozinho. Também havia os adeptos de teorias conspiratórias, que achavam que a polícia de Red River protegia um círculo de pedófilos locais, que tinham algum tipo de poder sobre ela.

Sam acreditava que era mais simples do que isso. Uma semana antes do assassinato, um homem de baixa estatura fora visto do lado de fora da escola de ensino fundamental. O homem parava as crianças que passavam por ele, perguntando-lhes a hora. Dizia que perdera o relógio e perguntava se elas o ajudariam a procurá-lo, com a promessa de uma recompensa. Uma mãe que fora buscar seus filhos se aproximou dele. Mais tarde, ela disse à polícia que achou que ele agia de modo estranho, com os olhos brilhando enquanto falava. Ele era desconhecido na comunidade relativamente pequena e sumiu de cena antes da chegada dos policiais. A presença do homem deixou os pais perturbados e os professores passaram a vigiar os portões da escola todas as manhãs e tardes com cuidado adicional. Com pouquíssimos elementos para continuar a investigação, a polícia arquivou o incidente e se esqueceu dele. Nenhum crime fora cometido e o homem não voltou à escola. Porém, na semana seguinte, o desaparecimento de Holly foi comunicado.

Nos fóruns de discussão, referiam-se a ele como O Baixinho. A polícia entrevistou as mães novamente e um retrato falado do homem foi publicado no jornal local e afixado pela cidade. Contudo, a busca não revelou nenhum suspeito e nenhuma pista. Por fim, a polícia abandonou sua linha de investigação e, talvez sob pressão para fazer uma prisão, concentrou-se em outros rumores.

Apesar disso, os fóruns continuaram apostando na teoria do homem de baixa estatura, comparando fotos de fichamento de agressores sexuais recém-capturados com o retrato falado da polícia. Sam leu as discussões de forma obsessiva e se maravilhou com as habilidades investigativas dos autores das postagens, com a maneira como conseguiam tanto identificar as pistas que a polícia não percebera como criar histórias que pareciam muito com a verdade ausente.

Existiam outros fóruns, a respeito de outros casos, com outras vítimas. Havia outros documentários, *podcasts* e programas de tv, mas *Construindo a*

verdade: O assassinato de Holly Michaels era um filme que chamava a atenção de muita gente, que prendia as pessoas e não as soltava. Sam lia tudo que podia na internet, assinava petições para que novas provas fossem admitidas no tribunal (a pegada, a declaração de um membro da família acerca do álibi do padrasto) e encontrou os fóruns de discussão que agora pesquisava sem cessar. Todos eram movidos pelo desejo da verdade, de libertar o homem no centro do caso, vítima de um flagrante erro judiciário.

Os admiradores se ligavam a Dennis num nível profundo. Em parte, porque, após sua prisão, observaram, ao longo dos anos, sua mudança de um garoto problemático de 18 anos para o homem que se tornou na prisão. Havia algo quase sagrado a respeito de Dennis, manifesto em sua aparência no macacão branco radiante. Sereno como um monge, com as mãos e os pés presos com correntes em forma de I, como se estivesse em algum tipo de penitência. Apesar de nunca ter aceitado a sentença e sempre alegar inocência, ele era calmo. “Não quero pensar nisso em termos de luta”, ele disse no fim do documentário. “A luta nos esgota, a luta acaba com a gente. Estou enfrentando isso. Vou chegar lá”, concluiu. Depois que a imagem de Dennis desapareceu da tela, Sam teve vontade de vomitar. Subjugada pela impotência, sentiu o choque de toda a injustiça do mundo e chorou.

Para Sam, os participantes dos fóruns de discussão eram os únicos que entendiam. Todos experimentaram a mesma sensação de impotência na primeira vez em que assistiram a *Construindo a verdade*, anos antes, e a acolheram na comunidade. Alguns foram sarcásticos: “Ué, onde você esteve? Bem-vinda a 1993.” Contudo, em geral, Sam se sentia em casa ali, e contribuiu como ela mesma, compartilhando seus pensamentos e seus sentimentos não só a respeito de Dennis, mas também de sua vida pessoal, no fórum denominado Discussão Geral. Foi a essas pessoas que ela recorreu quando voltou para casa e a encontrou sem nenhum vestígio de Mark, a não ser a escova de dente dele apoiada na dela, as duas entrelaçadas como os pescoços dos cisnes estampados no copo sobre a pia. Ele partira sem deixar nem ao menos um bilhete. Os amigos do fórum de discussão a acalmaram, enviaram-lhe mensagens com detalhes de seus dados no Skype, para o caso de ela precisar conversar, asseguraram-lhe que ele não merecia sua dor. Eles eram tudo o que ela tinha.

A maioria dos membros do grupo era constituída de americanos, mas havia britânicos, que às vezes organizavam encontros e eventos. No entanto, eram os americanos que conduziam as discussões e organizavam os protestos. Por duas vezes, a data de execução de Dennis foi marcada e os membros do grupo se reuniram do lado de fora do tribunal de Red River e da prisão de Altoona, protestando e dando entrevistas para a mídia para aumentar a conscientização sobre a causa. Eles dormiam em tendas, distribuíam folhetos informativos e colhiam assinaturas para petições até que outro grupo se formasse do outro lado da rua com placas que diziam “ASSASSINO” e “ONDE ESTÃO OS CORPOS?”. Os grupos gritavam um para o outro e barreiras eram colocadas no meio-fio de cada lado da rua para separá-los. Os policiais ficavam no meio, olhando fixo para a frente com expressões neutras e indiferentes.

Quando a execução de Dennis foi adiada, a mídia publicou fotos do grupo chorando e se abraçando. Sam leu as postagens do blog e as discussões acerca dos protestos, e postou para os britânicos, no fórum privado deles, sobre como gostaria de poder fazer algo tão incrível, mas que era difícil, morando tão longe.

Um membro respondeu:

Na realidade, eles não fizeram nada. O sistema funciona assim. É só isso. Os condenados ficam no corredor da morte por 40 anos e nunca são executados. Então eles realmente fizeram algo para ajudar? Discutível.

Para Sam, parecia que os membros britânicos eram menos sérios que os americanos. Ela achava que a causa era apenas um passatempo para os britânicos. Em um encontro, eles visitaram o London Dungeon, uma atração turística de Londres, onde figuras de cera ensanguentadas se apresentam em agonia eterna, com instrumentos de tortura medievais enferrujados presos em seus pescoços e um coro de gritos reproduzido repetidas vezes pelos alto-falantes. Ante as risadas dos membros do grupo, Sam sentiu uma desconexão, como se eles estivessem mais interessados na morbidez do caso do que nos elementos humanos. Dennis não era uma pessoa real para eles, ela concluiu. Não partia o coração deles como partira o seu. Existia um cinismo britânico, uma falta de

investimento emocional, que fazia Sam querer se distanciar deles. Ela se sentia melhor cercada por pessoas que sentiam a dor da maneira que ela sentia e precisavam fazer alguma coisa.

Os membros americanos eram os amigos mais próximos de Sam em anos. Em sua cama, ela ficava acordada para conversar com eles, com o laptop apoiado nos joelhos curvados. Muitos deles escreviam para Dennis e escaneavam as respostas. Sam ainda sentia um estranhamento com a familiaridade com que se comunicavam com ele. Ela precisou de meses para escrever uma carta e de mais algumas semanas para enviá-la.

29 de janeiro

Caro Dennis,

Meu nome é Samantha. Tenho 31 anos, moro na Inglaterra e sou professora. Sei que você é inocente. Parece esquisito escrever pra você. Nunca fiz isso antes, escrever uma carta pra alguém que não conheço pessoalmente. Sei que alguns devem te escrever o tempo todo dizendo as mesmas coisas, como, por exemplo: "Sua história mexeu muito comigo" e "Não consigo parar de pensar nela", mas sua história mexeu de verdade comigo e não consigo mesmo parar de pensar nela. Há muitas pessoas aqui fora, Dennis, todas trabalhando duro para provar que você é inocente. Eu gostaria de poder ajudar, mas simplesmente não sei o que posso fazer. Se houver algo de que você precise, me diga, mesmo se for algo pequeno; eu farei todo o possível.

Parece estranho saber tanto a seu respeito e você não saber nada sobre mim. Assim, vou lhe contar alguma coisa, pra que possamos ajustar isso um pouco. Moro sozinha. Minha avó morreu há três anos e me deixou sua casa. Assim, minha mãe me odeia ainda mais do que já odiava (como se isso fosse possível). Como você, sou um pouco a ovelha negra da minha família. Espero que isso não pareça algo ruim. Quero dizer, os outros não nos entendem porque somos diferentes deles, e não porque fizemos algo errado. Minha avó sempre me entendeu. Ela era mais do que uma mãe pra mim e ainda não me recuperei de sua perda. Talvez seja por isso que sua história me atingiu com tanta força. Separei-me recentemente (não foi uma separação tranquila), e odeio meu trabalho. Alguns dias, acordo cedo e não consigo me mexer. Fico deitada, com vontade de ficar naquele momento claro-escuro do dia para sempre. Acho que estou falando demais, mas é bom dizer isso pra alguém.

Vou entender se você não responder. Você deve receber muitas cartas, mas eu só queria que soubesse que há muitos de nós pensando em você. Estamos todos muito empolgados com o novo documentário: parece estúpido dizer, mas, assim que eu soube, senti um novo sopro de esperança, quase uma certeza de que dessa vez você vai conseguir seu novo julgamento. Está animado? (Desculpe se essa é uma pergunta idiota.) Espero ter notícias suas. Você sempre escreve cartas tão atenciosas para os outros (eles as postam on-line; as pessoas gostam mesmo de saber que você está indo bem, apesar de tudo). Se você quiser, eu gostaria de te escrever de novo.

*Atenciosamente,
Samantha*

Por precaução, para o caso de Dennis nunca responder, Sam não falou de sua carta para ninguém. E também não postou nada quando enfim recebeu uma resposta, porque não sabia se a carta de Dennis parecia diferente daquelas que ele enviava para todo o mundo porque essa era endereçada a ela, ou se era realmente diferente porque fora escrita para ela.

14 de abril

Cara Samantha,

Desculpe pela demora em te escrever. Você tem razão, recebo muitas cartas e preciso de algum tempo para ler o que me é enviado. Mas mesmo quando tenho tempo, não respondo a todo o mundo. Algo em sua carta chamou minha atenção. Lamento saber que você está sozinha. Também estou só.

Carrie me informa sobre o apoio on-line. É um grande conforto pra mim. É difícil entender, às vezes. Quando eu estava na escola, tínhamos um único computador. Digitávamos as coordenadas numa tela e isso fazia um robô se mover ao redor da sala de aula. Era muito lento. Parecia uma tartaruga. Certo dia, voltamos do recreio e o robô estava quebrado. A professora nem sequer perguntou quem tinha feito aquilo. Apenas disse meu nome imediatamente. Não fiz aquilo, mas todos acharam que fui eu.

Veja, isso é algo que você não sabia sobre mim. Não escrevi isso pra ninguém. É estranho que as pessoas saibam tanto a meu respeito. Acho que elas sabem mais de mim do que eu mesmo.

Obrigado por sua oferta, mas não há nada que eu precise em termos financeiros. Carrie — continuo a mencioná-la, mas não tenho certeza se você sabe de quem estou falando; ela dirigiu o documentário e foi uma das produtoras, e continua sendo uma grande amiga — me visita e providencia tudo. Tenho sorte de poder contar com ela. Muitos presos não têm ninguém. Respondendo a sua pergunta: estou entusiasmado com a possibilidade da nova série documental, mas já tive esperanças antes e me decepcionei. Assim, tento manter a cabeça no lugar.

Adoraria que você escrevesse de novo. Gosto do jeito como escreve. É muito amável. Recebo algumas mensagens estranhas. Tenho certeza de que você pode imaginar. Gostaria de saber mais a seu respeito. Por favor, escreva, se quiser. Indique-me alguns livros. É sempre útil. Você não precisa enviá-los. Eu posso consegui-los.

Espero voltar a ter notícias suas em breve, Samantha.

Sua carta iluminou o dia, que é normalmente sombrio.

Cordialmente,

Dennis

Sam releu a carta de Dennis. Ele revelou a ela algo que nunca contara a ninguém antes. Agora ela tinha um pedaço dele. Sam levava a carta a todos os lugares. Sempre que se sentia solitária, voltava a lê-la. À medida que a troca de mensagens continuava, ela se sentia cada vez menos solitária. Era como se apaixonar, Sam pensou. Mais do que alguma outra vez. Não precisava fingir estar muito ocupada para responder. Não precisava lutar para parecer distante. Não precisava se atormentar sobre a quantidade de beijos no fim de uma mensagem de texto. Tudo parecia natural.

9 de outubro

Caro Dennis,

Agora me sinto animada toda vez que escuto a caixa de correio ou chego em casa e vejo um envelope no capacho. Isso é patético? Gosto muito de ler suas cartas. Porém, sei que você só está querendo ser gentil. Aquela foto minha não é grande coisa, mas foi a mais recente que encontrei e que não era totalmente horrível.

Muitos gostam de tirar fotos de si mesmos. São chamadas de selfies. Argh! Odeio. Não me acostumei com isso. Não que eu me achasse linda ou algo assim, mas meu ex definitivamente me deixou paranoica em relação a fotos. Havia coisas que nem sabia que eu odiava em mim até que ele as apontasse.

Estou resmungando de novo! Vou parar. Atrasaram a filmagem outra vez? Você deve estar muito frustrado. Quero que eles prossigam. Quanto antes, melhor. Sei que você é cauteloso, mas eu não preciso ser. Posso acreditar completamente por nós dois.

Os dias têm escurecido mais cedo aqui. É quando costumava ser mais difícil, estando sozinha, mas agora não me sinto mais tão só. Sei que você está aí e espero por suas cartas. É muito bom ter alguém com quem eu possa ser sincera. Quando estou ensinando, tenho de fingir essa força o tempo todo ou as crianças simplesmente ficam selvagens. É exaustivo. Não me dou nada bem com os outros professores. Todos estão comprometidos com as crianças e me olham como se houvesse algo errado comigo porque não sou como eles. Não posso lhes falar que escrevo pra você. Eles também não entenderiam isso. Outro dia, vi um deles lendo aquele livro sobre seu caso: 'Quando o rio fica vermelho', de Eileen Turner. Quase contei pra ele: "Eu conheço Dennis Danson! Trocamos correspondência toda semana!" Mas sei que isso acabaria virando fofoca.

Além do mais, há algo de bom no fato de as pessoas não saberem.

Com amor,
Samantha

25 de outubro

Samantha,

Seu ex é um idiota. Você é muito bonita. Se eu fosse seu namorado, não seria tão estúpido de desistir de você. Coloquei sua foto na parede. Você tem um sorriso lindo. Quando te olho, não consigo deixar de sorrir de volta.

Eu li 'Quando o rio fica vermelho'. Eileen ainda me escreve. Era estranho ler a meu respeito desse jeito. Não vi 'Construindo a verdade', mas, segundo Carrie, o documentário é abrangente, enquanto o livro de Eileen é mais sensacionalista. Algumas vezes eu não me reconheci. Isso me fez parecer um cara esquisito.

Sim, a questão da nova série é frustrante, mas Carrie me disse que é melhor assim. Há obstáculos legais a transpor antes de a filmagem começar e tive reuniões

com meus novos advogados, que me dão alguma esperança de que um novo julgamento aconteça nos próximos 12 meses. Tudo se move muito devagar. Cada dia aqui é como uma semana. Hoje, não tive minha atividade de recreação externa por causa da chuva e minha cabeça está doendo de novo. Li suas cartas muitas vezes e, quando as leio, me sinto menos solitário, como se você estivesse aqui.

Admito que esteja começando a gostar de você mais do que como amiga, Samantha. Não consigo evitar. Também não vejo a hora de receber suas mensagens. Toda semana eu as procuro no pacote que me entregam e, quando as encontro, meu coração bate mais rápido. Tenho quase certeza de que não deveria te dizer isso. Temo que eu só vá ser um fardo pra você, Samantha. Que o compromisso de escrever pra mim toda semana seja demasiado. Que nossa amizade a deixe mais solitária ou reservada. Mas sou muito egoísta pra parar. Você torna tudo mais suportável. Não posso te prometer nada. Você merece coisa melhor. Temo que você descubra isso em breve e me esqueça.

*Com amor,
Dennis*

*13 de janeiro
Dennis,*

Não fale assim. Nunca. Eu te amo. Você é tudo o que eu quero. Não me importa que estejamos distantes agora. Estou feliz. Mas estive pensando e quero visitá-lo, se você quiser. Ainda tenho um monte de dinheiro que minha avó me deixou e não há muita coisa que me retenha aqui. Eu vinha economizando pra algo especial e não consigo pensar em nada que signifique mais pra mim. Tenho de parar de desperdiçar minha vida desejando as coisas. Chegou a hora de fazê-las de verdade.

Sei que você vai dizer “não”, mas não aceito isso. Sei o que é melhor pra mim. Tomei uma decisão. Posso ir pra aí já no próximo mês. Basta você dizer.

*Com todo o meu amor,
Sua Samantha*

24 de janeiro

Samantha,

A ideia de ver você aqui também me alegrou. Não consigo parar de me mexer. Ando de um lado pro outro. No pátio, corri em círculos e levantei poeira. Os guardas riram e todos disseram que você deve ser alguém muito especial. Ninguém nunca me viu desse jeito.

Espero que você não se importe, mas dei seu nome e endereço pra Carrie. Ela vai começar a filmar em Red River em abril e eu gostaria que vocês se encontrassem. Sei que ela pode tomar conta de você, mesmo que eu não possa.

Claro que vou amar você quando a vir. Temo que você se decepcione comigo. Eu mudei. Fiquei desleixado. Mas estou trabalhando nisso. Pra você. Estou mais velho. Acho que todos se esquecem disso. Alguns homens ainda escrevem pro rapaz de 18 anos que eu era. Cartas de amor. Tenho certeza de que você pode imaginar. E não quero que fique chocada ao me ver algemado. Temos de usar algemas quando deixamos nossas celas. Dizem que é por segurança, mas, bem, é humilhante.

Não quero forçá-la a nada. Venha quando se sentir pronta. Venha quando Carrie estiver aqui. Mas venha. Também preciso de você. Eu te amo.

Com todo o meu amor,

Seu Dennis

Assunto: Dennis!!!

Sam!

Quem te escreve é Carrie, amiga de Dennis. Ele me deu seu endereço, mas achei que era mais fácil localizá-la on-line. Belos nus! Brincadeira. Não encontrei nada estranho. De qualquer jeito, Dennis fala MUITO de você. Estou um tanto enjoada de ouvir seu nome! Honestamente, não vejo Dennis assim há anos. Com você e a nova série, ele é outro homem agora.

Dennis me disse que você está vindo pra cá pra visitá-lo e ele quer que EU seja sua guia! Ficarei honradíssima de entretê-la enquanto você estiver por aqui. Irei filmar na maioria dos dias, mas acho que você pode me acompanhar, se quiser. Vamos circular por Red River e gravar algumas entrevistas, seguindo algumas pistas que temos, testemunhas, esse tipo de coisa. Ouvi dizer que você é uma grande fã do documentário (obrigada!). Então talvez queira se envolver.

Avise-me.

Quem é amigo de Dennis é amigo meu também. Se você precisar de algum conselho a respeito de onde ficar, onde comer e o que evitar como se fosse uma praga, não se acanhe: consulte-me.

Até breve!

Carrie

Sam reservou os voos antes que mudasse de ideia. Quando viajou, ninguém pareceu notar sua partida.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM MARÇO DE 2018